

A valorização da literatura oral na formação histórica-identitária: lenda urbana do município de agosto corrêa-pa

The appreciation of oral literature in historical identity formation: urban legend from the municipality of agosto corrêa-pa

Elen de Cássia de Freitas Brito¹

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Wellington Freire Chaves²

Resumo: Este trabalho apresenta a valorização da Literatura Oral por meio das lendas urbanas, verificando os primeiros estudos com pesquisadores americanos no século XX, e seu progresso e mudanças ao longo dos anos. Logo, será analisada a lenda “A mulher da tumba” para verificar os elementos simbólicos existentes, bem como dar-se construção imaginário do povo do município de Augusto Corrêa-PA. Assim como a importância do registro para as narrativas não se apagarem da memória do povo e serem repassadas para próximas gerações. Para isso, ocorreu pesquisas bibliográficas para compreender sobre o assunto, e também a pesquisa de campo com os moradores mais antigos e mais jovens para poder coletar a narrativa para análise. Para o referencial teórico foi utilizado autores como Benjamin (1994); Brunvand (2002); Cascudo (2012); Le Goff (1990); Todorov (2004); Zumthor (2000) e outros autores que foram essenciais para o texto. Portanto, ao término da pesquisa, comprovamos que as lendas são importantes para a Literatura Oral e para os moradores de Augusto Corrêa, pois sua propagação é essencial para manter viva a tradição oral.

Palavras-chave: Augusto Corrêa; Lenda urbana; Literatura oral; Registro; Tradição.

Abstract: This paper presents the appreciation of Oral Literature through urban legends, examining the first studies by American researchers in the 20th century, and their progress and changes over the years. Next, the legend “The Woman of the Tomb” will be analyzed to verify the existing symbolic elements, as well as to construct the imaginary of the people of the municipality of Augusto Corrêa-PA. It also highlights the importance of recording these narratives so that they are not erased from the memory of the people and can be passed on to future generations. To this end, bibliographic research was conducted to understand the subject, as well as field research with older and younger residents to collect narratives for analysis. For the theoretical framework, authors such as Benjamin (1994), Brunvand (2002), Cascudo (2012), Le Goff (1990), Todorov (2004), Zumthor (2000), and other authors who were essential to the text were used. Therefore, at the end of the research, we proved that legends are important for

¹Graduanda do curso de Letras com habilitação em Língua Portuguesa. Universidade Federal do Pará, campus Bragança. E-mail: elenbritp@gmail.com

²Doutor em Literatura da Faculdade de Letras, professor associado da Universidade Federal do Pará, campus de Bragança. E-mail: sergiofreire@ufpa.br

Oral Literature and for the residents of Augusto Corrêa, as their propagation is essential to keep the oral tradition alive.

Keywords: Augusto Corrêa; Urban legend; Oral literature; Record; Tradition.

1 Introdução

A Literatura Oral abrange diferentes manifestações culturais transmitidas oralmente como mitos, lendas, provérbio, cantigas, canções tradicionais e muitos outros, que perpassaram gerações ao longo do tempo; a exemplo disso, são os povos mais antigos e indígenas que progrediam com a tradição oral em suas comunidades. Por isso, tais práticas surgiram com a finalidade do homem dialogar e conhecer o outro em sociedade e ficarem em harmonia; assim sendo “as primeiras formas de literatura ligavam-se ao estado de contemplação do mundo marcado muitas vezes por rituais de iniciação e magia, transmitidos através da oralidade, das canções e declamações espontâneas aos deuses.” (Barbosa, 2011, p. 20). Diante disso, a Literatura Oral é uma cultura rica com vários tipos de expressões que formou-se por meio das contribuições dos indivíduos.

No livro de Câmara Cascudo *Literatura Oral no Brasil*, o autor cita que essa expressão foi primeiramente utilizada por Paul Sèbillot, em 1881, com sua obra *Littérature orale de la Haute-Bretagne*. Posteriormente, Sèbillot determinou a literatura oral da seguinte maneira: “*La littérature orale comprend ce qui, pour le peuple qui ne lit pas, remplace les productions littéraires*”³, ou seja, é aquilo que vem evidenciar a oralidade e substituir as obras escritas. O autor Cascudo (2012) estipula a Literatura Oral amplamente e diversificada com as histórias, com cantos populares tradicionais, danças de roda, danças de divertimento coletivo, roda e jogos infantis, cantigas de embalar (acalantos), músicas anônimas, nos aboios, anedotas, adivinhações, lendas e etc.

O primeiro intermédio de se comunicar é a linguagem que é fundamental para os humanos se exprimir. Quando a criança nasce já articular-se por meio do choro e por gestos e balbucio, já iniciando seu processo de formação, e anos depois começa a dizer as primeiras palavras e mais adiante consegue formar frases completas, isso se dar mediante a interação na sociedade (Piaget, 1999; Vygotsky, 2008). Com isso, coloca a criança em um ambiente com várias descobertas e estimulando a respeitar, a ter empatia e a compreender os fatores culturais.

³ Tradução de FREITAS, Márcia. Sinto e penso, logo existo: a memória multissensorial e a Retórica em Chapeuzinho Vermelho. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2022: “A literatura oral representa, para as pessoas que não leem, a substituição das produções literárias”.

Já as crianças surdas constroem outras maneiras de linguagem, eles comunicam por meio das expressões faciais e movimentos corporais, depois de um tempo estudam e aprendem a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), para poderem dialogar com os colegas.

As histórias são contadas de forma informal entre os amigos, familiares, namorado ou pessoa próximas, pois o momento é descontração e de lazer, e não há necessidade de conversarem formalmente. Dessa maneira, a marca dessa informalidade é notada no uso de ditados populares, abreviações e gírias dependendo da região de cada cidadão, é bastante empregada pelos mais novos, sobretudo, nas plataformas de interação online. Já a linguagem formal manifesta-se em outras esferas sociais, pois ela é primordial para o contato em sociedade, conforme o espaço que for utilizá-la, a linguagem formal permite as pessoas a aplicá-la apropriadamente em órgãos públicos, em entrevista de emprego, apresentação de trabalhos acadêmicos, palestras e eventos religiosos e entre outras situações (Travaglia, 2009).

Este trabalho apresenta uma pesquisa sobre as narrativas orais, as lendas urbanas. São histórias que constituem o imaginar o popular das pessoas, pois são narrações informais que permeiam a mente com todo o mistério, fantasia e assombração. As pessoas, ao escutarem as histórias são levadas a outro mundo, despertando a nostalgia e instigando a curiosidade. Principalmente, em querer saber o desenrolar e o final da narrativa, mesmo carregados de pavor ficavam atentos.

As lendas urbanas encontram-se em cada região e qualquer cidade do Brasil, as lendas mais famosas são “A mulher de branco” que surge em determinadas ruas e estradas, “A loira do banheiro” que tem seu aparecimento em qualquer escola; tais histórias são criadas com alguma intenção para comunidade e outras obtiveram suas procedências em razão de algum acidente surgindo no sentido de eternizarem fatos ou acontecimentos. Assim, estas narrações mesclam eventos do cotidiano com subsídios característicos do imaginário popular e tornando as histórias excepcionalmente nebulosa e multifacetado.

Na “hora da história”, momento memorável de contação que eram relatadas à noite, as pessoas se reuniam em frente à suas casas ou de vizinhos, ao redor da mesa para tomar café ou ao redor de fogões a lenha. Ao longo do tempo, esses encontros, tornou-se tradições por serem propagadas pelos moradores de mais idades, esses tinham o dom e habilidade para contar essas lendas. No entanto, a maioria deles já faleceram e no decorrer de suas vidas puderam compartilhar com suas famílias ou com seus amigos essas narrativas que viram ou ouviram sobre seres fantasmagóricos ou sobrenatural, com a narração dessas histórias são repassadas muitos conselhos e aprendizados, elas contribuem significativamente para entender a realidade e para a construção da identidade cultural de um grupo ou povo.

Hoje, com o uso das tecnologias, essas lendas orais não estão sendo contadas, e por isso estão desaparecendo no formato oral, e aparecendo no escrito na esfera da rede social ou sendo adaptadas para a televisão. Com isso, as narrativas estão sendo reescritas com mudanças, pois são acrescentadas mais informações ou sendo omitidas outras partes. Além disso, com toda a urbanização na cidade, as pessoas adquiriram outros hábitos e deixaram de se reunir, esses indivíduos começaram a ter várias obrigações e compromissos, e ao chegarem exaustos em suas casas e sem forças, a contação de histórias ficou em segundo plano, e não é contada. Com essas diversas atividades do dia que associam ao tédio e ao cansaço se extinguiram na cidade e até no campo estão entrando em extinção. Por isso, desaparece o dom de ouvir, desaparece os ouvintes, e quando a arte de contar as histórias vai se perdendo, pois elas não são mais conservadas porque as pessoas não fiam ou tecem enquanto ouve as histórias (Benjamin, 1994).

Essa pesquisa realizou-se em Augusto Corrêa, a cidade também é conhecida como “Urumajó” devido ao rio que leva o nome, tem origens de raízes indígenas. Segundo o site da Prefeitura Municipal (2025) na história narrada pelos antigos, ocorreu um mal-entendido entre um indígena e um comandante. O militar queria saber o nome do rio que passava pela vila, mas o indígena compreendeu que o homem perguntava sobre o pássaro que cantava próximo a eles, contudo, o nativo respondeu: “é uru majó!”. Com isso, tanto o lugar quanto o rio carregam o nome de “Urumajó”.

A cidade tem sua localização na mesorregião do Salgado, no nordeste do estado do Pará, leva em torno de 30 a 35 minutos de Bragança, fica cerca de 229 km de Belém, a capital paraense. Augusto Corrêa, teve sua independência por meio da Lei Estadual nº 2.460, em 29 de dezembro de 1961, e deixou de ser pertencente de Bragança e tornou-se um município. Carrega a toponímia de Augusto Corrêa referente ao um político com o mesmo nome, ele foi prefeito de Bragança e colaborou na emancipação política. O lugar é carregado de lendas e mitos para contar, mas não são tão conhecidas pela nova geração, apenas os mais antigos que sabiam ou sabem dessas histórias impactantes.

Desse modo, Augusto Corrêa, já apresentado como “Urumajó”, tem o nome cultural de relevância indígena, pois os cidadãos de mais idades preferem este como nome da cidade e assim usam. Além disso, também tem predominância política referido a emancipação da cidade de Bragança. Considerando isso, para este trabalho será utilizado o nome de Augusto Corrêa, mesmo o nome “Urumajó” contendo um importante e renomado valor simbólico e histórico para o povo local.

Além do mais, o município de Augusto Corrêa é um lugar carregado de belezas e momentos culturais marcantes que ficam nas memórias dos conterrâneos. Com os pontos

turísticos que chamam atenção dos visitantes que passeiam e divertam-se com suas famílias. Os moradores buscam meios de sustento, então trabalham na agricultura, artesanato, turismo, ou em seus próprios negócios. Além disso, também tem a pesca, os homens trabalham pescando para sustentar seus lares, e poder tirar peixes para o consumo ou vender.

Dessa maneira, o objetivo deste trabalho é analisar “A mulher da tumba” para verificar os elementos simbólicos e aspectos a partir do surgimento da lenda em questão, ademais serem observados a tumba, a aparição da mulher, a situação do inexplicável diante da personagem, e os gestos de respeito perante a morte da jovem tal como outros elementos existentes. Assim como, o seu valor na construção do imaginário popular, além de abordar a valorização das lendas urbanas, enquanto narrativa oral, pois elas são essenciais para a Literatura Oral. Desse modo, compôs-se o propósito de catalogar a narração e certificar por meio de pesquisas históricas se a mulher da lenda existiu ou se as pessoas a criam para assustar e dominar os moradores locais, além de compreender quais são os fatores que estão contribuindo para o apagamento dessas histórias dialogadas.

A lenda urbana justifica-se pertinentemente em virtude do seu contexto histórico e cultural, pois são contações que são difundidas por meio de conversação entre os sujeitos, essa cultura imaterial tem uma significação para a Augusto Corrêa, sendo possível por meio dessas narrativas perdurar as tradições na sociedade. Já para a o campo acadêmico o estudo dessas lendas urbanas proporcionará o enriquecimento de conhecimentos dos discentes que estiverem interessados em entender as influências culturais que elas têm para o município, essas narrativas estão na sociedade e sua pesquisa favorecerá para a literatura regional. Além disso, o dialeto é variado, as pessoas de outros lugares observaram que existe variedades de linguagens orais e não orais e que falam sobre as lendas. Demonstrando uma forma acessível e transcendente de transmitir conhecimentos e outros aspectos, além de ser imprescindível no desenvolvimento cognitivo e na criatividade, ressaltando sua utilidade no processo de formação dos educandos.

O artigo pauta-se em estudiosos que trazem teorias e conceitos que serviram de base para o escrito. Sendo utilizadas as contribuições de Câmara Cascudo (2012), que traz análises das manifestações populares no Brasil que são repassadas oralmente entre os povos. É citado ainda no trabalho Benjamin (1994), aborda em sua obra ensaios que discute sobre as artes e a literatura, esses elementos estão presentes em vários tipos de manifestações, a história que registra toda ação do presente e do futuro, a cultura que são tradições e ensinamentos transmitidos para outros indivíduos. E Todorov (2006) em sua obra aborda estudos de análises estruturais literários, em uma parte do trabalho discute sobre o fabuloso, quando um personagem fica em algum lugar sozinho e começa a surgir o medo e a partir dessa sensação e

da indecisão começa a ver coisas inexplicáveis, e a explicação poderá ser fruto da imaginação ou coisas sobrenaturais. Outro teórico mencionado é Zumthor (2000) que em seu livro *Performance, recepção, leitura* argumenta sobre a performance e como ela se dá por meio da comunicação poética, pois ela traduz as palavras escritas em falas, e assim destacando a oralidade.

Assim como as ideias de outros autores que foram cruciais para o embasamento teórico são Le Goff (1990) cita sobre o ato de registrar as lendas para não serem apagadas do meio social. E Lopes (2016) que apresenta estudos sobre as lendas urbanas em forma de narrativa, e traz definições e discussões de diferentes campos sobre esse gênero. Outro estudioso é Brunvand (2002) que aborda as concepções de Georges (1971) que fala sobre as narrativas como elas são ditas como verdadeiras ou falsas. Bem como, Marques (2011) que em *Literatura culta e popular em Portugal – Homenagem a Arnaldo Saraiva*, com organização de Isabel Morujão e Zulmira C. Santos, o autor traz informações dos primeiros estudos sobre a lenda urbana “The Vanishing Hitch hiker” com os americanos Richard K. Beardsley e Rosalie Hankey e de várias versões da mesma lenda mesma em outros países.

Como procedimentos metodológicos optados, deu-se de cunho qualitativo na qual aconteceu em dois momentos distintos, o primeiro, pesquisas bibliográficas no campo literário, a partir de leituras e obras que falam sobre o assunto, artigos acadêmicos e outras publicações importantes para compreensão do conteúdo trabalhado. Já o segundo momento, realizou-se uma pesquisa de campo que ocorreu em Augusto Corrêa, mas especificamente na comunidade Ilha das Pedras, interior do município, pois é na estrada que dá acesso a vila que surgiu a lenda; foi necessário entrevistar 3 pessoas que residem na cidade, dentre os moradores de mais idade e os mais jovens, para poder coletar a história em questão. Além disso, durante a entrevista foi utilizado o celular para narração da lenda, e foi solicitado o consentimento dos entrevistados se poderia ser gravado a contação.

Este trabalho está estruturado em tópicos principais, que vem abranger toda a importância e transcendência da lenda urbana para a literatura oral. O primeiro tópico é exposto a introdução, que faz uma apresentação do estudo. O segundo tópico é abordado a conceituação e concepções de lendas urbanas e como ocorreu seu surgimento. No terceiro tópico, explica a representação histórico e identitário dessas narrativas para a comunidade local. No quarto tópico, é abordado o ato de registrar a Literatura Oral para não ser apagadas da memória do povo, visando que essa preservação permanecerá viva a tradição. No quinto tópico, apresenta a análise da lenda “A mulher da tumba” que se faz presente em Augusto Corrêa. E as considerações finais.

2 Conceituação e concepções de lendas urbanas

Estudos indicam que a terminologia lendas urbanas ou *Urban Legends* originou-se, primeiramente, nos Estados Unidos entre os anos 1970 e 1980, pelos pesquisadores folcloristas que estavam fazendo investigação sobre o caso, para verificar as histórias que estavam presentes na vida urbana, elas eram colocadas como verdadeiras, mas no fundo surgiam dúvidas e desconfiança dessa verdade (Campion-Vincent, 2005).

O autor Lopes (2016) traz uma definição de lendas urbanas do francês Renard que diz é “um relato anônimo, apresentado sob múltiplas variantes, de forma breve, com conteúdo inusitado, contado como sendo verdadeiro e recente dentro de um contexto social cujos medos e aspirações ele exprime de modo simbólico” (Renard, 2006 apud Lopes 2010, p. 319). Diante disso, as lendas tem o requisito de se adaptar ao meio social que estar inserido, pois tem a habilidade de modificar rapidamente entre os falantes. São histórias que mesmo criadas ou não, são aceitas pelas pessoas por expressarem mistério, medo, perigo e até crenças de grupos sociais, por isso essas narrativas orais se propagam.

No livro *Literatura culta e popular em Portugal e no Brasil - Homenagem a Arnaldo Saraiva*, o autor J.J. Dias Marques faz uma abordagem sobre a lenda de “O fantasma que pede boleia” ou “*The Vanishing Hitchhiker*”, percebe-se que antes da terminologia, os primeiros estudos sobre as lendas urbanas começaram bem antes, entre os anos de 1942 a 1943, por dois estudiosos americanos Richard K. Beardsley e Rosalie Hankey, que fizeram pesquisas referente a lenda urbana, sobre uma jovem que pegou carona em um veículo e mais tarde o motorista descobre que a mulher já tinha falecido em um acidente, os pesquisadores descobriram que havia várias interpretações em formato oral da narrativa e conseguiram juntar mais de 79 versões dessa mesma lenda. No Brasil, essa história, é conhecida como “A moça do taxi”, também tem diversas variantes. O autor paraense Walcyr Monteiro, em sua obra “Visagens e Assombrações de Belém”, apresenta a narrativa.

As narrativas orais, às vezes, circulam e não tem uma estrutura estabelecida como o início, meio ou fim, são apenas fragmentos ou ideias repassadas sem ter muita clareza. Mesmo assim, elas têm ponto histórico e um valor cultural e sendo aceitado pela comunidade local e fazendo parte da memória coletiva. Elas abordam detalhes do meio urbano e até espaços reais, essas abordagens de lendas podem ser transmitidas como verdadeiras ou fictícias. Por isso, revela uma certa subjetividade de cada pessoa se acredita ou não, essas lendas urbanas não tem

tanta importância para muitos indivíduos, enquanto outros nem tem conhecimento dessas narrativas. O autor que vem abordar essas percepções a partir das ideias de Georges (1971) é Brunvand (2002) que cita:

[...] uma história ou narrativa que pode nem mesmo ser uma história ou narrativa; ela se dá em um passado histórico recente que pode ser concebido como remoto ou anti-histórico, ou nem mesmo em um passado; ela é tida como verdadeira por alguns, falsa por outros, e ambos ou nenhum dos dois pela maioria. (Georges, 1971 apud Brunvand, 2002, p. 112)

No Brasil, essas narrações constituem a cultura popular de muitas comunidades, trazem consigo muitas histórias e diversas riquezas que são transmitidas a gerações. Ainda mais por serem lendas que são emaranhadas e provindas de outras culturas como indígenas, africanas e de portugueses, assim formando um grande e forte multiculturalismo.

Além do mais, as lendas urbanas fazem parte dos estudos voltado as manifestações do folclore, tem semelhanças pela tradição popular. Por isso, para Brandão (1986) que vem definir o folclore que, para algumas pessoas, são eventos criado pelo homem e que o povo agarrou para si, e perpetuaram em tradição. Já outras pessoas, acreditam que é um segmento existentes das tradições populares, ou seja, são eventos que surgiram de forma natural nas comunidades sem um criador específico. Assim passando aos seus descendentes e emitindo valores e conhecimentos.

3 Lendas urbanas enquanto representação histórica-identitária de uma comunidade

As lendas urbanas tem um papel fundamental na representação e na formação da identidade de um grupo, circulam discursivamente no meio da comunidade, e assim penetrando e se ajustando ao imaginário popular. Em vista disso, deixam simbolicamente marcas, quando são narradas, essas lendas despertam a memória de um povo adormecido, pois retratam momentos relevantes e históricos de uma sociedade, quando trazem personagem enigmáticos, sobrenaturais, misteriosos e extraordinários para emblemar circunstâncias fatais ou alguma mudança social. Principalmente, em cidades que ocorreram momentos conturbados é propício se deparar com narrativas orais sobre assombrações e fantasmas de pessoas que já faleceram, que de um certo modo, vem representar as marcas do passado.

As lendas urbanas tem amarras na cultura popular que fortalece a identidade social. Dessa maneira, gerando o sentimento de pertencimento dos habitantes com a cidade, pois

quando ouvem as histórias é introduzido os valores culturais, à medida que o tempo passa, faz parte dessa identidade coletiva. Conforme Wasserman:

[...] a conformação das identidades coletivas estão estreitamente relacionadas com a questão do passado, de como os valores adquiridos como símbolos da identidade formaram-se num passado comum a todos os membros daquela comunidade. A idéia que todos os conterrâneos já compartilharam, mesmo num passado longínquo, aquelas experiências é muito importante para a conformação da identidade social. (Wasserman, 2002, p. 96).

Em Augusto Corrêa as lendas urbanas fazem parte do imaginário popular dos moradores, lendas como “A carroça de ossos”, “O bode invisível”, “Calça molhada” e “A mulher da tumba” e entre outras histórias relatadas pelos moradores antigos. Em qualquer hora da noite a contação de história acontecia, trazendo valores, essências, crenças e aprendizado para as pessoas e moldando o modo de vida desses habitantes, e assim integrando a cultura imaterial de Augusto Corrêa. Segundo as autoras Marconi e Presotto (2010) a cultura imaterial é:

Refere-se a elementos intangíveis da cultura, que não sustância material. Entre eles encontram-se crenças, conhecimentos, aptidões, hábitos, significados, normas, valores. Os membros de uma sociedade compartilham certos conhecimentos e crenças como reais e verdadeiros. (Marconi; Presotto, 2010, p. 26).

A maioria dessas narrativas foram criadas com o intuito de afastar graves situações, para manter as pessoas em alerta e ficarem em casa, elas não foram produzidas ou inventadas à toa, tiveram algum propósito. Por serem contadas à noite, era desencadeado nas pessoas o medo, pois nas histórias faziam parte figuras desconhecidas e misteriosas, então o objetivo dessas “criaturas” era fazer mal aos indivíduos que aparecessem em sua frente. Assim a contação dessas histórias tinha o ato de precaver algum crime na cidade e assegurar o respeito mútuo, a organização das regras de um povo local. De certa forma, as lendas urbanas tem uma representação histórica e identitária, que molda o comportamento dos indivíduos na comunidade. Por isso que sua tradição era habitual. Assim Cascudo (2012) afirma sobre tradição:

Entende-se por tradição, *traditio*, *tradere*, entregar, transmitir, passar adiante, o processo divulgativo do conhecimento popular ágrafo. É a quase definição dicionarista do Moraes, na edição de 1931: “Tradição, notícia que passa sucessivamente de uns em outros, conservada em memória, ou por escrito”. (Cascudo, 2012, p. 20)

Vista disso, as lendas urbanas tem um forte laço com moradores, não são somente contações fictícias, sua representação traz um vínculo com o presente e o passado mostrando a

história e a tradição com município. Além de repassar os ensinamentos, constroem a essência, que fazem parte da cultura popular da comunidade local, que com o passar do tempo vai evoluindo e se adaptando conforme a necessidade das pessoas. Dessa forma, preservando a memória coletiva dos habitantes para serem transmitidos para seus futuros descendentes e até outras pessoas que prezam por essas histórias.

4 A importância do registro da Literatura Oral

O homem por muito tempo narrava suas experiências oralmente, e assim repassando para outras pessoas, mas a necessidade de deixá-las registradas foi gritante e compreensível, uma forma de não serem apagadas da memória de um grupo. Para a Literatura Oral, essas narrativas tem um importante papel de preservar e mostrar as tradições e valores. Sendo assim, os pesquisadores ou escritores poderão utilizar as histórias em seus estudos e até formar compilados desses textos para facilitar a procura do material caso os estudantes do ensino básico ou do âmbito acadêmico estejam em busca das narrações para trabalhos, ou até outra pessoa que esteja interessada nas lendas.

Em cada parte do Brasil existe uma história oral para ser relatada, de pessoas que viram ou ouviram seres inexplicáveis e a vontade de relatá-la é excitante. Assim, no município de Augusto Corrêa, elas fazem parte da memória do povo, são transmitidas de boca a boca, de avô para neto, de pai para filhos, entre amigos ou conhecidos. Por isso, tornou-se tradição essas contações, antigamente Augusto Corrêa era cheia de vegetações e existia poucas casas, não existia energia elétrica, os moradores utilizavam o motor que funcionava até às 21 horas da noite, após isso era desligado, era ausente o uso do celular e televisão, facilitando o momento das histórias.

O narrador colocava em prática o que sabia sobre as lendas, e a forma como transmitia chamava atenção dos presentes e na hora da exibição era possível ouvir e identificar a linguagem do cotidiano, aqueles que ouviam ficavam admirados, mas nem todas as pessoas conseguiam repassar poeticamente essas contações. Assim o contador destaca-se pela sua performance que “[...] é o único modo vivo de comunicação poética [...]”. (Zumthor, p. 34) Por isso ele dispõe das experiências com as lendas, e durante as contações evidenciava o tempo, o ambiente, os personagens, a situação e, é obviamente, a voz eloquente.

Com a urbanização, as lendas urbanas estão perdendo os encantos de serem contadas e estão se apagando “a arte de narrar está em vias de extinção” (Benjamin, 1994), as pessoas assumiram hábitos que deixaram suas vidas agitadas e frenéticas, como dormir cedo ou se

interessar em assistir programas de televisão, séries ou filmes. Até mesmo em atividades diárias, seja no serviço doméstico ou trabalhos externos, em emprego autônomo ou com vínculo empregatício. Em razão do cansaço e da falta de energia, as pessoas não se encontram para compartilhar essas histórias. Sobre a falta de narração o autor Han (2019) diz:

Hoje, narramos cada vez menos histórias uns aos outros na nossa vida cotidiana. A comunicação transformada em troca de informações faz desaparecer a narração de histórias. Também quase não há histórias sendo contadas nas plataformas sociais. Histórias conectam as pessoas umas com as outras, na medida em que fomentam a capacidade de empatia. [...] Estamos, contudo, visivelmente perdendo a paciência para estar à escuta e a paciência para narrar. (Han, 2023, p. 11).

As lendas urbanas orais estão deixando de ser em formato oral, e estão surgindo em um outro formato, o escrito. Isso auxilia “[...] num registro de memória, transmitida pela tradição oral [...]” (Le Goff, 1990, p. 22). A cidade de Augusto Corrêa está fazendo este resgate com registro das lendas em livros, por meio de concursos municipais como de poesias e narrativas, as categorias estudantis e para os moradores que tenham o interesse em escrever as histórias que sabem ou que aconteceram em suas famílias. Para Augusto Corrêa, esses eventos culturais são de suma importância para mostrar um pouco mais sobre o passado do lugar por meio das histórias que são significativas. Com isso, as narrativas conseguem capturar a atenção daqueles que as escutam, e por intermédio delas é essencial apresentá-las as outras pessoas, principalmente as que vêm de fora. Pois elas simbolizam a cultura popular local, as lendas não são somente para divertir, são contações que expressam uma ferramenta cultural essencial que exala valores para a comunidade.

Outro meio de deixá-las registadas é gravá-las na hora da contação, viés decisivo que captura a essência da voz do narrador que por meio dele é observável marcas da oralidade, esse narrador consegue transmitir esse momento mágico, pois ele é aquele que dá conselhos e repassa a sabedoria (Benjamin, 1994).

Além disso, o uso das tecnologias pelo mundo, essas lendas urbanas são espalhadas pelos meios de comunicações, em podcast, internet (sites e blogs), rádio e até reproduzidas para a televisão, basta fazer uma pesquisa na internet que encontra várias lendas em diferentes versões. E isso é importante, que preserva essas memórias para os próximos jovens, o autor Le Goff diz que ao registrar essas memórias é

[...] como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar

impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (Le Goff, 1990, p. 424).

As lendas urbanas são fascinantes e dependendo do tempo elas vão mudando, e para não se perderem com o tempo e as próximas gerações encontrarem e lerem essas maravilhas é importante deixá-la escritas, e assim repassarem oralmente para outras pessoas e manter viva a tradição oral. Sobre a tradição oral os autores Souza; Lima e Silva (2022) citam:

responde à necessidade de preservar os aprendizados acumulados; ela deve ser compartilhada com as gerações do presente e do porvir, se, por algum motivo, parte desse material deixa de avançar para a outra geração, ele é olvidado até cair definitivamente no esquecimento. (Souza; Lima; Silva, 2022, p. 170)

Dessa forma, é essencial que a Literatura Oral seja registrada para não se perder com o passar dos anos, pois suas narrativas traz um viés sobrenatural que provocar vários sentimentos ao ouvi-las. Então mantê-las em obras, desempenha um gesto simbólico e de respeito pela memória dos moradores mais antigos, pois traz uma certa nostalgia de quando eram crianças ou adolescentes e lembram dos momentos sentados em frentes a suas casas e reuniam-se com os familiares, amigos e outras pessoas para contarem essas histórias marcantes.

5 Análise da lenda urbana “A mulher da tumba”

Para este estudo, intensificou pesquisas de textos relacionados as lendas urbanas para auxiliar no embasamento teórico para deixá-las mais consistente. Em seguida, a pesquisa de campo para coletar a lenda existente na cidade de Augusto Corrêa, porém a maioria dos jovens não conhecem muitas histórias ou nenhuma, as pessoas de mais idades, sim. Mas, já faleceram e ficou complexo coletá-las. Entretanto, mesmo com os percalços o trabalho traz a lenda “A mulher da tumba”, uma narrativa que não é tão famosa pelas pessoas. Contudo, a narrativa é uma construção das contações que ocorreram com três moradores locais, que consentiram e contribuíram na pesquisa. A história será analisada para verificar seus elementos simbólicos e outros aspectos importantes e que envolve todo o mistério e imaginação da lenda com o município.

Dessa forma, será mencionado no trabalho apenas a entrevistada Maria, pois os demais sujeitos mesmos concedendo a entrevista não permitiram serem identificados. E o relato de Maria é mais surpreendente, principalmente quando encontra a figura fantasmagórica no caminho que de alguma maneira causa o mistério e tensão. Essa experiência reforça os

elementos que carregam o sobrenatural na narrativa, que contribui para transmissão e valor da história e, sobretudo, para a compreensão que penetra o imaginário popular do município.

A lenda “A mulher da tumba”, surgiu no município de Augusto Corrêa, antiga vila de Urumajó, que fica localizada na região do caeté, do estado do Pará. Seu surgimento deu-se na estrada que dar acesso a comunidade Ilha das Pedras e demais vilas pertencentes a cidade, isso resultou-se de um acidente com uma grávida que veio a óbito. Os cidadãos ficam mais impressionados com a história, que mesmo a jovem tenha falecido tragicamente e gestante, ela aparece com seu filho nos braços, esse aspecto dificilmente se esquece, mesmo ouvindo de outra pessoa. Não se sabe ao certo quem começou primeiro a comentar que a viu, mas a história se proliferou entre os moradores de que a observaram e ouviram nas proximidades da estrutura fúnebre.

Com isso, durante a análise da narrativa será apresentado dona Maria, moradora do município de Augusto Corrêa, qual participou voluntariamente da pesquisa. Outrossim, Maria obteve a experiência com a aparição, bem como todo o envolvimento em que se passa o caso, sendo no período noturno em um dia de lua cheia, na estrada deserta e solitária que conecta as demais comunidades, e com efeito do medo do desconhecido, “Os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir [...]” (Benjamin, 1994, p. 7). Para o autor, inicialmente, a história não começa pelo sobrenatural, desconhecido ou fantástico, e sim, pelo cenário ambientado do lugar, é por meio dele que o ouvinte é preparado para o restante da contação, da qual manifesta no indivíduo a vontade de querer ouvir mais histórias.

Na história, Maria é tratada como narradora-personagem é citada mais à frente neste trabalho. Ela narra que uma noite percorrendo sozinha para a comunidade Ilha das Pedras, durante o trajeto presenciou “A mulher da tumba”. A estranha surgiu com seu filho nos braços próximo ao túmulo construído na beirada da estrada, o mesmo local que a jovem grávida faleceu. Entretanto, mesmo com pavor, Maria dialogou e caminhou com essa figura sombria até um certo ponto do trecho. E posteriormente, a desconhecida e seu filho desaparecerem subitamente. Esse momento inexplicável de aparição, ficou marcado na mente da senhora que lembra a todo instante desse encontro horripilante.

Desse modo, a história é narrada tanto em primeira quanto em terceira pessoa, em certo momento, tem o envolvendo do sobrenatural que instiga a curiosidade e expressa o medo, a narrativa transcorre para o fantástico, que “[...] é a hesitação experimentada por um ser que não conhece as leis naturais, diante de um acontecimento aparentemente sobrenatural” (Todorov, 2006, p. 147).

A personagem “A mulher da tumba” tem a descrição de uma jovem de pele clara, cabelos loiros, que tinha por volta dos 25 anos e grávida de 8 meses. Era descendente do Ceará, mas que morava na cidade de Bragança, época que aconteceu o acidente. Visto que, mesmo se passando anos após o infortúnio acontecimento, as pessoas lembravam de algumas características físicas da moça. As pessoas não recordam do seu nome, mas a chamavam ou a chamam de “a cearense do acidente” ou “A mulher da tumba”. Assim os moradores relatam que a viam quando vinha em Augusto Corrêa com seu marido, enquanto outros recordam vagamente de sua aparência. Alguns dos cidadãos relatam que ela morou por um tempo na cidade e logo depois mudou-se seguidamente para a cidade de Bragança, conhecida popularmente como “Pérola do Caeté”.

Na lenda é citado um momento que mudou drasticamente a vida da mulher, em uma ida à vila Ilhas das Pedras, interior do município de Augusto Corrêa no estado do Pará, aconteceria essa fatalidade que findaria sua vida. Ambos mudaram-se para o estado paraense para facilitar a prática pesqueira, pois o marido da jovem era pescador e passava dias em alto mar, tempo depois retornava para terra firme para descarregar os peixes para vender. Em um dia de descarregamento, a mulher e o pai do seu cônjuge, foram acompanhá-lo e também pegar alguns peixes para consumo.

Por conseguinte, na lenda é observado a questão da migração interna, é o deslocamento de pessoas de um estado para outro, isso é bem comum, principalmente no Brasil, quando os indivíduos viajam para outro lugar em busca de melhores condições. Alguns fatores que influenciam a locomoção desses indivíduos e o clima, aspectos culturais e até questões políticos. A mulher sendo natural do Ceará mudou-se para Bragança no Pará, pois seu marido era pescador. É importante mencionar que os peixes que eram capturados em alto mar eram descarregados em locais específicos, Ilha das Pedras, em Augusto Corrêa era um lugar de descarregamento. Por isso, a jovem viajava para o interior para ir ao encontro do seu marido quando chegava. Diante disso, a mulher da lenda e seu marido viviam da pesca, um trabalho um tanto árduo e desafiador que existe a bastante tempo, e que leva o povo da região aventurar-se nas águas misteriosas do oceano em busca do alimento.

No local do acidente, em uma simbólica homenagem à mulher e o bebê, os moradores e parentes fizeram um pequeno túmulo igual ao de cemitério, tendo lajotas e uma cruz. Em época de finados as pessoas deixavam guirlandas de flores, acendiam velas e até colocavam água benta ao redor ou em cima da estrutura fúnebre. No Brasil, é costume colocarem na beirada da estrada uma cruz de madeira ou de ferro, que significa que uma pessoa morreu tragicamente naquele lugar. O gesto é uma forma de homenagem, para lembrar a pessoa amada, assim como

dar alívio espiritual para o falecido e encontrar o caminho para o reino celestial. Para a igreja católica a cruz tem um significado importante “[...] a cruz, como lugar do sacrifício de Cristo, é o princípio da salvação dos homens [...]” (Canção Nova, 2013).

O autor Cascudo (2012, p. 96) refere-se “as lendas constituíram material para revelação mais rara, prendendo-se ao espírito religioso, explicando origens de cousas, hábitos, mistérios”. Apesar de ser uma histórica trágica, a lenda “A mulher da tumba” adentra a memória coletiva que denota símbolos e gestos de respeito a jovem falecida, que com o tempo a narrativa exprime diversas ensinamentos e conhecimentos culturais. Além do mais, ela vem mesclar situações de cunho espiritual, pois mostra-se o túmulo, a cruz enfiada na estrutura de cimento e os objetos deixados pelos moradores.

Dessa forma, as cruzes são construídas e utilizadas até hoje, passando em um local que ocorreram essas eventualidades o objeto estará lá. Esse sinal estar representando uma vida que se perdeu por uma fatalidade que agora descansa, os credores comentam que ao passar perto do local tem que respeitar a pessoa que ali perdeu a vida, caso contrário é assombrado por não ter sido cortês. Que para a autora Retondar (2017) diz sobre a questão da cruz:

O aparato visual em torno da morte e que aqui se expressa na construção e manutenção de artefatos e memórias fúnebres de beira de estrada nos conecta a uma percepção sobre o papel da religião e da transcendência que, em função da finitude provocada pela morte, neste caso específico, repentina, busca trazer alívio para a dor da perda, bem como uma percepção de memória e também das crenças ali representadas (Retondar, 2017, p. 89).

Após a morte da mulher os moradores começaram a notar coisas estranhas no local, a boatos que durante à noite alguns indivíduos que passavam naquela estrada de bicicleta sentiam um peso na garupa como se tivessem carregando alguém, e ao desceram para verificar não havia ninguém somente a pessoa, e logo comentavam que se tratava da “A mulher da tumba”, epíteto colocado pela população. O medo de vê-la era grande, então passavam rapidamente ou desistiam da viagem e continuavam pela manhã. Com o passar desse tempo, começou a ser comentado pelos moradores que passavam por ali que ouviram alguém pedindo ajuda e até choro de bebê, alguns diziam que até a viram. Por ser à noite, para alguns era perigoso e a estrada tinha pouca iluminação, isso facilitava para observarem coisas incertas e sobrenaturais. O autor Bauman (2008, p.8) cita que “Na escuridão, tudo pode acontecer, mas não há como dizer o que virá. A escuridão não constitui a causa do perigo, mas é o habitat natural da incerteza e, portanto, do medo.”

O medo faz acreditar em coisas inexistentes, a mulher que faleceu no acidente surgia perto da tumba com seu vestido branco e demonstrando o ar de figura fantasmática, com o bebê em seu colo que configura a inocência daquele ser que morreu ainda no ventre. Ao continuar seu percurso avistou a mulher andando longe com a criança, Maria percebeu algo sinistro ao olhar por baixo do vestido da estranha, o espectro flutuava. Ela ficou aterrorizada e se perguntava o que era aquilo, e pediu a Deus que a protegesse e a livrasse do mal. Mesmo com medo a personagem resolve continuar andando e acompanhando, mas algo inexplicável acontece e a desconhecida flutuava causando mais pavor na jovem e assim “produz-se um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis desde mundo familiar” (Todorov, 2006, p. 146). A mente não consegue justificar o que acabou de acontecer, se foi fruto da imaginação ou se realmente aconteceu. Sendo assim, Maria recorre a proteção espiritual, fazendo um pedido de proteção a Deus, essa prática é manifestada por meio da oração, principalmente a aqueles que acreditam num ser superior que rogam o amparo e livramento dos perigos mundanos.

Passaram-se muito tempo desse fatídico encontro, mas a mulher da tumba continua viva na mente da narradora-personagem, Maria, pois lembra dela até na hora que vai deitar, como sente medo, dorme com a luz do quarto acesa. São lembranças que a atormenta e a incomoda, a deixando vulnerável e abalando seu psicológico. Algumas pessoas dormem com as luzes acesas, pois acreditam que uma forma de afastar as assombrações noturna e ficar protegido, geralmente na infância que esse temor surge e a maioria das vezes acarreta na vida adulta.

Tudo isso, mostra-se que “A mulher da tumba” esteve presente por muito tempo, e sua história ainda é recordada pelos moradores de Augusto Corrêa, e regiões próximas à Ilha das Pedras. Sua tumba não existe mais, com a ampliação da estrada a estrutura fúnebre acabou quebrando e os restos sendo soterrados pela terra e vegetação, ficando apenas as lembranças do acidente e dos relatos de que a viram e ouviram.

Diante do exposto, a narrativa apresentada está ligada ao município de Augusto Corrêa por meios de três elementos importantes, primeiro, o espaço; pois a situação acontece na estrada interiorana da cidade que introduz a contação ao imaginário popular; segundo; a memória, as lembranças da mulher e seu filho permanecem vivos na memória coletiva e fazendo parte da tradição oral, mesmo sendo oriundo de uma tragédia; e por último, as práticas culturais e religiosas, ato dos moradores deixarem objetos simbólicos atribuindo gestos de respeito, bem como a construção da estrutura com a cruz. Augusto Corrêa tenta preservar esses acontecimentos, pois são histórias marcantes locais e para não se perderem com tempo e serem vistas ou ouvidas pelas próximas gerações promover os eventos culturais.

Diante disso, com o mundo bastante moderno e as cidades urbanizadas as lendas estão imigrando para outros patamares, os meios digitais, e sua valorização na oralidade precisa ser instigada para a tradição continuar viva. As lendas urbanas tem uma representação eficazes para muitos cidadãos de certo ponto transborda sofisticação e ficção que adentra a mente das pessoas, que precisam serem narradas, passadas adiante. Para Leite (2002, p. 7) “Quem narra, narra o que viu, o que viveu, o que testemunhou, mas também o que imaginou, o que sonhou, o que desejou. Por isso, NARRAÇÃO e FICÇÃO praticamente nascem juntas”. Com isso, é perceptível que as narrativas mostram mais do que cultura, e sim, oferecem visões de perspectivas diversas e que dispõem do contexto histórico e colocam as experiências das pessoas em jogo.

6 Considerações finais

O trabalho trouxe uma abordagem significativa, que discute sobre a Literatura Oral, especialmente sobre lenda urbana que faz parte da identidade e do imaginário do município de Augusto Corrêa, antiga vila de Urumajó. Partindo disso, a lenda “A mulher da tumba”, uma importante história que se faz presente e contribui para manter viva a tradição desse singelo bem imaterial para que não seja esquecida pelas gerações, já que no século XXI, os jovens parecem ter mais interesse por avanços tecnológicos.

Durante a pesquisa, mesmo não encontrando a estrutura fúnebre na estrada, pois foi-se destruída com a ampliação da estrada, a lenda permanece viva na mente de muitos moradores. Além do mais, refletindo no comportamento dos cidadãos e emitindo valores e transformando na identidade do município. As narrativas orais têm significado para os moradores locais, principalmente para os recém-chegados que ouvem essas lendas, pois fornece a sensação de acolhimento e pertencimento. De qualquer forma, as lendas urbanas despertam a curiosidade e o desvanecimento tanto de adultos quanto de crianças. Que transmitem momentos nostálgicos com seus avós, pais, tios e amigos que narravam antes de dormir, mesmo sabendo que durante à noite causavam medo, mas a vontade de ouvi-las era grande.

Por isso, para não deixá-las de existirem é importante mantê-las registradas, mesmo passando de histórias orais a escritas, mas essa é uma forma de conservá-las. A lenda “A mulher da tumba” tem um valor considerável para o município de Augusto Corrêa, ainda que tenha surgido a partir de um acidente, os eventos depois dessa fatalidade colocam em questões a intensa relação com a crença, construção da memória de um povo e todo o os enigmas e mistérios envolvendo o fantasioso e inexplicável.

Para os próximos estudos, espera-se aprofundar a pesquisa coletando novos relatos com os moradores adolescentes e trazer trechos dessas respectivas vozes dos entrevistados para dar adequada essência a essa contação. Além do mais, verificar como está ocorrendo a transmissão para as próximas gerações e não serem apagadas com o tempo. De qualquer forma, até comparando com outras lendas no município, pois Augusto Corrêa tem diversas narrativas conhecidas e desconhecidas e trazê-las em evidência por meio dos estudos contribuirá para estudos escolares e acadêmicos, e assim, não se apagando da memória coletiva municipal.

A pesquisa por autores que discutem sobre literatura oral e lendas urbanas foi essencial que possibilitasse compreender sobre os conceitos e ideias sobre o assunto, pois surgem em forma de folclore mais atual que fazem parte da cultura popular, e colocando-o a subjetividade se as pessoas acreditam ou não dessas narrações. Também foi relevante a análise da lenda que foi construída por meio das entrevistas que aconteceu com os moradores que conheciam a história da jovem com seu bebê.

Portanto, as discussões deste artigo mostram que as histórias orais fazem parte da Literatura Oral, sendo ela em diversas manifestações culturais. As lendas urbanas ao longo do processo histórico sofreram diversas modificações, principalmente repassadas para outras pessoas no meio social em que estão inseridas. Assim, em Augusto Corrêa é possível encontrar várias dessas histórias de aparições quanto de assombrações, que recai ao campo literário que para muitos autores é valioso seus estudos, bem como seus elementos simbólicos que sobressai ao meio da linguagem do narrador.

Referências

BARBOSA, J. O. F. *Narrativas orais: performance e memória*. 2011. 143 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus – Amazonas, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. *Medo líquido*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2008.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é Folclore*. 7ª ed. São Paulo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

BRUNVAND, J. H. *Encyclopedia of urban legends*. New York: W.W. Norton & Company, 2002.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura Oral no Brasil*. 1. Ed. digital. São Paulo, global, 2012.

ENTENDA o verdadeiro sentido da cruz para os católicos. *Canção Nova: Notícias*, 12 de set. 2013. Disponível em: <https://noticias.cancaonova.com>. Acesso em: 20 de jul. 2025.

FREITAS, M. *Sinto e penso, logo existo: a memória multissensorial e a Retórica em Chapeuzinho Vermelho*. 2022. 133 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa, 2022.

HAN, Byung-Chul. *A crise da narração*. Editora Vozes, 2023.

LE GOFF, J. *História e Memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LEITE, Lygia Chiappini Moraes. *O foco na narrativa*. São Paulo: Ática, 2002.

MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO. *Antropologia: Uma introdução*. 7ª. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2010.

MORUJÃO, Isabel; SANTOS, Zulmira. *Literatura culta e popular em Portugal e no Brasil: homenagem a Arnaldo Saraiva*. 2011.

PIAGET, Jean. *O pensamento e a linguagem na criança*, São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PREFEITURA DE AUGUSTO CORRÊA. *Sobre o município*. 2025. Disponível em: <https://augustocorrea.pa.gov.br/o-municipio/sobre-o-municipio/>. Acesso em: 02 set. 2025

RETONDAR, P.T. R. *A MORTE AO LONGO DO CAMINHO: Reflexões da religiosidade popular presentes nas práticas mortuárias referentes às cruzes e memoriais de beira de estrada do interior paraibano*. 2017. 117 f. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

RENARD, J,-F. (1999/2006). *Rumeurs et Légendes Urbaines*. Paris: PUF, 3e édition.

SOUZA, Shirlene Rohr; LIMA, Tatiane Cristiane Barbosa Gomes de; SILVA, Tatiane Gomes da. *Cultura Popular e repertórios narrativos: Mitos, lendas e contos*. *Revista de Letras Norte@mentos*, v, 15, n, 41, p. 165-179, dez, 2022.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas Narrativas*. 4ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2006.

TRAVAGLIA, Luis Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. 13.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

Vygotsky, Lev. *Pensamento e linguagem*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

WASSERMAN, C. *Problemas teóricos que envolvem a questão da identidade coletiva e a formação de novas identidades*. *Semina: Ciências Humanas e Sociais*, Londrina, v. 23, p. 93-100, set. 2002.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: EDUC, 2000.